

NO PORTUGAL DE HOJE,  
QUEM ROUBA UM PÃO É LA-  
DRÃO, MAS QUEM ROUBA UMA  
PROPRIEDADE É REFINADO  
PROGRESSISTA.

M. L.

# A VOZ DE

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 701

Composição e Impressão

«GRÁFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20  
Telef. 92091

RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 6 25 36 LOULÉ

ANO XXVI

16/XI/78

## Atribuídos 23 mil contos ao Município de Loulé

para expropriação de terrenos  
destinados à zona de expansão nordeste

Por despacho lavrado pelo Ministério da Habitação e das Obras Públicas, que oportunamente será publicado no «Diário da República», foi atribuída à Câmara Municipal de Loulé a verba global de 23 mil contos, para efeitos da expropriação de terrenos, conforme avaliação apresentada, necessários à expansão urbanística da zona nordeste de Loulé.

A referida verba será distribuída em duas fases, sendo a primeira ainda dentro do ano decorrente.

Esta atribuição permite de imediato à Câmara Municipal de Loulé acionar o processo da despropriação de terrenos em bases conciliatórias e justas, libertando áreas destinadas ao arran-

que da expansão nordeste desta vila, cujo projecto comporta avultado aglomerado de construções de índole administrativa, social, educacional, comercial e habitacional.

No próximo número desenvolveremos mais detalhes acerca da

distribuição urbanista que a zona de expansão nordeste de Loulé envolverá a médio prazo, propiciando com a sua concretização uma feição mais ampliada e modernizada desta vila, que há muito sente espartilhado o seu normal desenvolvimento.

## Antes o governo necessário a revisão constitucional

Apontamento de LUÍS PEREIRA

Um País em crise não pode continuar a viver de semanas políticas, da hipótese de acordos da maleabilidade das conversações à volta de uma Constituição que não tem um caminho definido.

Não podemos forçar o país com o papel de seda dos governos possíveis, sem primeiro revermos uma Constituição de excessos, deficiências e medidas injustificadas. A verdade do País é só uma e exige equilíbrio e capacidade. Cada semana é uma novidade de governos, nunca a garantia plena da recuperação. A escolha de pessoas julgadas competentes para gerir os destinos do País não é, por si só, representação suficiente que nos possibilite um clima de acalmia, tranquilidade e confiança no futuro. A Constituição portuguesa não contém as linhas mestras para a renovação (continua na pág. 7)

## ESCADA «MAGIRUS»

PARA OS BOMBEIROS MUNICIPAIS DE LOULÉ

O equipamento dos Bombeiros Municipais de Loulé, vai ser substancialmente valorizado com a aquisição da ambicionada escada «Magirus», que lhe permitirá uma escala mais ampla de operacionalidade.

Só agora é que foi possível culminar, depois de morosas diligências em que o seu custo se agravou à medida da desvalorização financeira que ascende a cerca de 9 400 contos.

Com um subsídio de participação concedido pelo Fundo de Turismo para completar a verba desde há muito reservada para o efeito, veio desfazer o «im-

passo» que tolhia a ultimização das negociações entabuladas com o fornecedor e fabricante de nacionalidade alemã.

Para tornar exequível a transacção aludida, já foram accionados os mecanismos bancários com vistas às transferências das respectivas divisas.

Espera-se que até ao fim do ano a escada «Magirus» já se encontre em Loulé, em poder dos Bombeiros Municipais desta vila.

A boa notícia que aqui divulgamos foi-nos transmitida, por amável deferência, pelo presidente da Câmara, sr. Andrade de Sousa.

Esta excepcional escada giratória montada sobre um veículo apropriado, dotará a Corporação de Bombeiros locais de um meio aperfeiçoado de salvamento de vidas humanas em sinistros deflagrados em prédios de grande porte.

Dado que ao âmbito dos Bombeiros regionais este equipamento é único no seu género, o facto implica que os Bombeiros de Loulé tenham de intervir, quando necessário, muito para além da área concelhia.

Toda a zona do Algarve ficará,

portanto, sob a sua custódia, quando se trate de neutralizar incêndios e desenvolver salvamento de entes humanos em imóveis de construção vertical.

—//—

A primeira vista a escada «Magirus», para quem não faça a mínima ideia da sua estrutura, parecerá um instrumento comum e de somenos valia.

De comum e de vulgar possui apenas a designação, porque, quanto ao mais, é a última palavra em sistema de salvamento, muito justamente considerado pelos entendidos como produto de vanguarda.

São realmente sofisticadas as suas características, com que os seus fabricantes as dotaram.

Contando com um grande número de melhoramentos e dispositivos acessórios a escada «Magirus» põe à disposição dos cor-

(continua na pág. 7)

DR. PEARCE DE AZEVEDO  
Presidente

da Junta Autónoma  
dos Portos do Barlavento

Foi novamente designado presidente da Junta Autónoma dos Portos de Barlavento do Algarve, através de despacho ministerial de 5 de Julho passado, publicado no «Diário da República» de 21 de Setembro, o nosso prezado

(continua na pág. 3)

## EMPRÉSTIMO DOS EUA À AGRICULTURA PORTUGUESA

MAP decide apoiar  
aos agricultores

## Está assegurada

a criação do Museu Arqueológico  
e Etnográfico de Loulé

Com base nas experiências antecedentes, formou-se recentemente nesta vila uma comissão empenhada em impulsionar a criação de um museu histórico, arqueológico e etnográfico, que de longa data constitui ambição cara das suas gentes.

O empreendimento implica porém, como é compreensível, na conjugação de esforços e préstimos de diverso gabarito, pelo que os elementos constituídos são representados, na comissão, por ele-

mentos sabedores e conhecedores das tradições locais remoados por elementos jovens, cujo entusiasmo e espírito de equipa são notórios.

Ciente de que das palavras é necessário passar à acção para a objectivação dos seus propósitos, a comissão referida ofereceu ao Município de Loulé a sua colaboração no sentido de organizar a estruturação inicial do pretendido museu, mesmo que para o

## A Rodoviária Nacional não serve Vale Judeu — Porque?

Situada a 2 quilómetros da E. N.º 125, o sítio de Vale Judeu é servido por Estrada Municipal que, atravessando uma zona bastante populosa, vai de novo desembocar na mesma E. N. onde diariamente passam cerca de 14 car-

reiras de camionetas da R. N. que servem Boliqueime, Albufeira e Portimão, mas nenhuma dessas carreiras faz o desvio por Vale Judeu.

No entanto trata-se de um sí-

(continua na pág. 3)

## «TÁXIS» DE QUARTEIRA — tão sómente

Suscitou o nosso reparo sobre a falta de «taxis» em Quarteira durante o período estival, publicado neste jornal em 19 de Outubro último, um comentário da autoria do sr. Manuel Faria, a que este semanário deu guarida a 2 de Novembro corrente.

Para nós tudo quanto este senhor explicou acerca da exploração e funcionamento dos «taxis» (usando da experiência adquirida como «taxista» que é de profissão) estaria, a nosso ver, correcta se não tivesse enfiado para o campo das interpretações pesosas, eivadas estas de indistinto subjectivismo, onde pontifica uma certa dose de imaginação.

É, portanto, a partir das suas

(continua na pág. 7)

## Inicia-se já na próxima semana a publicação em folhetins

de «AS MOURAS ENCANTADAS  
E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE»

OBRA DO DR. ATAÍDE DE OLIVEIRA

Apraz este jornal anunciar aos seus estimados leitores e assinantes, que de acordo com os seus desígnios divulgadores vai, a partir da próxima edição (nú-

mero 702) encetar a publicação em folhetins da apreciada obra «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve», da autoria

(continua na pág. 7)

Que se passa  
com o futebol  
do Quarteirense?

(VER PÁGINA 4)



## EMPRÉSTIMO DOS EUA, À AGRICULTURA PORTUGUESA

— MAP decide apoio aos agricultores

Foi finalmente, regulamentada, a linha de crédito baseada na lei do Congresso dos EUA, a PL 480, que vem beneficiar a agricultura portuguesa. Em reuniões recentemente havidas, entre os Ministérios da Agricultura e das Finanças, foram definidos os aspectos práticos de aprovação de projectos. Na sequência dessas reuniões, o MAP deu instruções às Direcções Regionais, no sentido de ser dado o parecer técnico aos projectos de investimento apresentados pelos agricultores, ao mesmo tempo que criou um Grupo de Análise de Projectos junto do Gabinete de Planeamento do MAP. Prevê-se, por outro lado, que o Governo não utilize, destes empréstimos baseados na PL 480, uma parcela importante em investimentos nas Empresas Públicas, como o fizeram os Governos anteriores, deixando a utilização deste crédito mais favorável para o investimento na agricultura, cuja rentabilidade, como se sabe, é baixa.

Este é, portanto, um caso, onde é sensível a modificação da atitude do Governo para com as centenas de milhares de agricultores do País, que suportaram a forte animosidade dos Governos colectivistas anteriores. Desde princípio de 1976 que a agricultura portuguesa poderia ter tido acesso a esta linha de crédito, só não o conseguindo porque esta não foi regulamentada, ou, sequer, divulgada aos agricultores.

Neste momento, estão a ser elaborados centenas de projectos de investimento para obtenção deste empréstimo, em todo o País; alguns já foram mesmo, apresenta-

dos nos Serviços Regionais para aprovação.

Um aspecto a salientar é a intervenção das Associações de Agricultores neste processo: com efeito, a concessão dum empréstimo, é bastante mais facilitada se o projecto tiver obtido, previamente, o parecer favorável da Associação de Agricultores da região. Isto justifica-se por duas razões: em primeiro lugar, a aprovação da Associação de Agricultores elimina a possibilidade de o dinheiro ser desviado para uma Unidade Política, cujo acesso a este crédito está vedado; em segundo lugar, essa aprovação dá uma certa garantia de que o crédito é bem concedido. Com efeito, as Associações de Agricultores têm interesse em zelar pelo sucesso, em termos de aumento de produção, dos empréstimos, como forma de obterem para a agricultura novos créditos ao abrigo dos próximos acordos com base na mesma PL 480.

VACAS DE CARVALHO

### MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS EDITAL

Faz-se público que a Sociedade de Construções Mira Praia, Lda., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 4480 litros sita em Torre Azul, freguesia de Quarteira concelho de Loulé e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regula a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas dos Decretos n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, e 422/75 de 11 de Agosto que aprovam a Regulamentação de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, de Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis 25 de Outubro de 1978.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição, (assinatura ilegível)

## JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL  
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno  
António da Rosa Pereira  
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-103, de fls. 75 a 77, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual Maria Celisía Zurrinha Guerreiro e marido, Armindo José Gomes, residentes no Beco da Rua Condestabre, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Urbano, destinado a habitação, composto de três divisões, cozinha e casa de banho, com a superfície coberta de sessenta e quatro metros quadrados, e logradouro com a área de trinta e três metros quadrados, no Beco da Rua Condestabre, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, que confronta correctamente, do norte com servidão, do nascente com Maria Rocha, do sul com José da Silva e do poente com

A Voz de Loulé, n.º 701, 16-11-78

TRIBUNAL JUDICIAL  
DA COMARCA  
DE LOULÉ

### ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Pela 1.ª secção do Juízo de Direito da comarca de Loulé, correm éditos de 20 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados NOEL LEO PATRICK O'NEILL, divorciado, director de hotel, residente em Atlantic Tower Hotel Chapel Street, Liverpool, Inglaterra e HEIBRUN ou HEIDI O'NEILL, moradora em Foss Stetten 1, Renstal Kleine Steigl 3, Alemanha Ocidental para, no prazo de 10 dias posteriores ao dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, nos autos de execução para pagamento de quantia certa com processo ordinário, com garantia hipotecária com o n.º 85/77 da 1.ª secção, movida pela exequente Lusotel — Indústria Hoteleira, Lda., com sede no Hotel Dona Filipa, freg.ª de Almancil, concelho de Loulé.

Loulé, 30 de Outubro de 1978.

O Juiz de Direito,  
a) Mário Meira Torres Veiga  
O Escrivão de Direito,  
a) João do Carmo  
Semedo

Vicente Bárbara Costa, inscrito na respectiva matriz predial, em nome do ora justificante varão, sob o artigo número dois mil quinhentos e sessenta e oito, com o valor matricial de cento e vinte e dois mil e quatrocentos escudos, e o declarado de cento e vinte e cinco mil escudos, e não descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé;

Que este prédio lhes pertence pelo facto de o terem construído, inteiramente à sua custa, num talhão de terreno para construção urbana, com a área de noventa e sete metros quadrados, que lhe havia sido adjudicado e ficado a pertencer, a ela justificante, em pagamento da sua quota hereditária, na partilha amigável, extrajudicial, e nunca reduzida a escritura pública — efectuada em data imprecisa mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e um, com os demais herdeiros e interessados — da herança aberta por óbito de sua avó, Maria Teresa Quarenta ou só Maria Teresa, que faleceu no estado de viúva e residia na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé; — sendo também certo,

Que desde aquela data, portanto há mais de trinta anos, sempre tem vindo a ser possuído, — inicialmente o terreno, por ela justificante mulher, então solteira e pouco tempo depois, uma vez que contraiu casamento, por ambos eles justificantes o prédio urbano supra descrito em que o transfor-

maram — em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriram por usucapião.

Que em face do exposto, não têm eles justificantes o seu direito de propriedade perfeita, sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de  
Loulé, 3 de Novembro de 1978.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

### Aluga-se - Armazém

Com 110 m2 aluga-se um armazém no sítio da Goncinha — Loulé.

Trata Dionísio Barros Viégas - R. Combatentes G. Guerra, 22 — Loulé (a partir das 18 horas).

### ESPINGARDA

Vende-se uma espingarda de caça, em estado novo, Adaivac 170 DL.

Tratar pelo Telefone 66147 — BOLIQUEIME.

(3-1)

### VENDE-SE

Padaria c/ casa de habitação, na Aldeia da Tor. Informa Telef. 2985760 — SINTRA.

(2-1)

ACOMPANHE  
A MODA  
VISTA NA BOUTIQUE

PARADIS  
AS ÚLTIMAS  
NOVIDADES DE PARIS

Em anexo:

Salão de cabeleireira  
Perfumaria  
Artigos decorativos

★

Gerência de  
Maria Aura Rosa Martinho

★

Avenida José da Costa  
Mealha, 115  
Telef. 62924 — LOULÉ

## TERRENOS

### ALGARVE

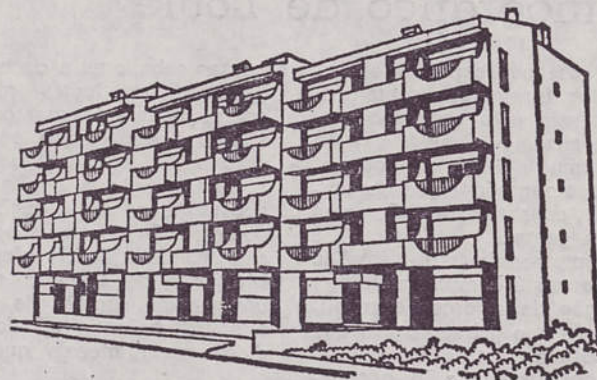
QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

(6-4)

## na praia de QUARTEIRA



### APARTAMENTOS TORRE D'ÁGUA

JUNTO AO NOVO DEPÓSITO DE ÁGUA  
APARTAMENTOS PRONTOS A HABITAR  
APROVEITE AGORA A ISENÇÃO DA SISA

VISITE NO LOCAL O APARTAMENTO MODELO  
Dias úteis: das 11 às 13 e das 15 às 19 horas  
Sábados e Domingos: das 10 às 13 e das 15 às 19 horas

Sociedade de Construções do Corgo, Lda.

TRATA: EMACO  
R. Viriato, 25-5.º — Telef. 53 90 16/7 — LISBOA  
Telef. do local de vendas: 00 89/6 56 43



# RALI DO ALGARVE-78

...ou quando o primeiro milho é dos passarões

Como já vem sendo hábito nesta altura do ano, o Algarve esteve em foco com a realização, pelo Raci Club de Silves, do seu rali. Pontuando pela segunda vez para o Campeonato Europeu de Ralis, a 8.ª edição da prova trouxe até nós uma multidão de nacionais e estrangeiros interessados nestas coisas dos automóveis, não sendo alheio a esse facto o radioso sol algarvio que este ano primou até tarde pela sua presença.

Tendo como centro de operação a Aldeia das Açoteias, o Rali do Algarve 78 era, à semelhança dos últimos anos, composto de três etapas. A primeira, bastante curta, disputou-se no perímetro A. das Açoteias/Silves/A. das Açoteias e destinava-se sobretudo a ordenar a posição dos concorrentes para a segunda etapa, corrida no sotavento algarvio e onde se destacava, pela sua dificuldade, a sequência de troços Cachopo-Ameixial-Salir. A terceira e decisiva etapa seria também a mais desgastante pois para além de possuir maior número de kms em troços cronometrados, não iria poupar as já cansadas e sacrificadas mecânicas e pilotos.

Por falarmos em troços cronometrados, faça-se um breve aparte para os mais afastados destas lides. Em provas deste género há dois tipos de troços: os cronometrados ou classificativos (neste rali só dois foram em alcatrão, sendo os restantes doze em terra e todos percorridos mais que uma vez) onde se desenrola a verdadeira competição e interessa andar o mais rápido possível e onde, excepto estes «malucos» que chegam a atingir os 100 km/h e mais, ninguém se atreveria a andar a mais de 30 ou 40, sob pena de partir os seus caminhos; e os de ligação que, tratando-se geralmente das estradas alcatroadas mais conhecidas do vulgar cidadão, servem quase exclusivamente, como o próprio nome in-

dica, para levar os concorrentes de um a outro troço cronometrado. Como a organização estipula médias relativamente baixas para se andar nestes troços, penalizando os que se apresentam no controlo seguinte antes ou depois da hora marcada, as assistências aproveitam para proceder aí aos necessários consertos e reparações nas mecânicas. Enquanto nas classificativas, previamente fechadas ao trânsito, não há limites de velocidade e tanto faz andar de frente como de lado, pela direita como pela esquerda, como de autênticas pistas (geralmente de muito mau piso, note-se) se tratasse, nos troços de ligação há que cumprir escrupulosamente o Código como qualquer automobilista.

Dos 81 concorrentes inscritos, partiram da Aldeia das Açoteias para a primeira etapa somente 61 barulhentas máquinas sendo de realçar, pela sua ausência, o nome de Tony Carrello, virtual vencedor do Campeonato da Europa. Meia ausência foi a do belga Staepelaere que, perseguindo o título de campeão de ralis do seu país, não pôde alinhar com o Escort n.º 3 devido a uma greve da Ford no país dos «gentlemen», acabando por fazer equipa com o finlandês Hannu Mikkola, o grande favorito à vitória final que só não ganhou o último Rali de Portugal/Vinho do Porto por manifestar infelicidade. Dos restantes presentes destacavam-se o n.º 4, Col'soul, o outro candidato ao primeiro lugar do campeonato belga; «Mêgêpê», vencedor da 7.ª Volta ao Algarve e da recente Volta a Portugal; Giovanni Salvi, campeão nacional de ralis em 1977; Carlos Torres, virtual campeão do nacional de ralis da presente época. Dos pilotos algarvios — Fontainhas, Inverno Amaral, Orlando Reis, Pedro Cabegadas, Carlos Oliveira, José Mora e Pires Teixeira — muita coisa havia a esperar, nomeadamente dos três pri-

meiros, pois para os restantes, menos experientes ou com máquinas menos potentes, o essencial era chegar ao fim ou, quanto muito, ficar o menos perto possível do último...

Dada a partida para a primeira etapa, às 21 horas do dia 2, os mais cotados preocuparam-se desde logo em obter os melhores tempos. Sendo a ordem de saída para a etapa seguinte estabelecida em função da classificação após a primeira etapa e se nos lembrarmos que só no dia seguinte as coisas iriam aquecer com 150 km de troços cronometrados quase totalmente em terra, onde o factor Pó conta muito para a visibilidade dos pilotos que partiam geralmente de 2 em 2 minutos (de vento ou chuva nem de onde eles viessem), compreende-se melhor o porquê de começar logo de início a andar depressa.

Surpreendentemente foi G. Salvi o primeiro a largar para a 2.ª etapa logo seguido de Mikkola e Col'soul. No entanto, depois dos 20,6 km de classificativas da primeira noite, a vantagem de Salvi sobre o 5.º (na altura «Mêgêpê») era somente de 4 segundos!... Os melhores algarvios eram Fontainhas, O. Reis e I. Amaral respectivamente nos 8.º, 10.º e 12.º lugares.

A partida das Açoteias para a 2.ª etapa foi dada às 9 horas da sexta-feira e, exceptuando a primeira passagem pelo troço de Tavira, ganho por Col'soul, todos os restantes (9) foram ganhos por Mikkola como que a querer resolver cedo a questão. No fim da etapa o seu avanço para Col'soul, o segundo, era já de 7 minutos e para «Mêgêpê» de 9. Fontainhas, beneficiando das desistências de Salvi (caixa bloqueada em Salir-1) e de Paulo Lemos (despiste no Ameixial-2) era já 4.º enquanto Reis e Amaral eram respectivamente 8.º e 9.º. No 27.º lugar encontrava-se João Teixeira que podia ter ocupado melhor posição no fim desta etapa, corrida em parte numa zona que o piloto conhece perfeitamente.

Com uma vantagem de 7 minutos sobre o 2.º, Mikkola parecia ter a sua tarefa facilitada para a última etapa, a menos que algum imponderável, em que o automobilismo costuma ser fértil, pusesse em dúvida o que para muitos era quase uma certeza. Faltava ainda mais de 350 km., metade dos quais de troços cronometrados e os mais «habitués» sabem que até ao lavar dos cestos ainda é vindima. A desistência do finlandês antes do troço

(Continua na pág. 6)

## Direcção Regional de Agricultura do Algarve ESTAÇÃO DE AVISOS

A Estação de Avisos do Algarve iniciou em 1978 a sua actividade, tendo como missão principal proceder à previsão e recomendação dos tratamentos fitosanitários, em relação a alguns parasitas das principais culturas desta Região Agrícola.

Para uma primeira fase de trabalho ficou decidido encarregar-se a Estação de Avisos do Algarve de emitir «Avisos» em relação às várias doenças mais frequentes no envorredo e culturas do Algarve.

Em conformidade com as normas de trabalho estabelecido, decidiu a E. A. A. enviar circulares aos órgãos de comunicação social.

No nosso penúltimo número fizemos referência aos citrinos e à mosca da fruta.

Hoje gostaríamos de continuar, mas reconhecemos que, devido à extensão de pormenores quanto ao tratamento de outras doenças das árvores, não nos é possível entrar em pormenores de carácter técnico.

Por isso aconselhamos os senhores agricultores que estejam interessados em receber as circulares da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, a se dirigirem à Estação de Avisos do Algarve — Rua do Município 13 r/c — Faro — Telef. 22284, a qual agradece quaisquer sugestões que lhe queiram fazer acerca do problema da agricultura no Algarve.

Para maior simplicidade de contacto com aqueles serviços oficiais, devem os interessados preencher o boletim que abaixo reproduzimos e colá-lo num postal, remetendo-o àquela Estação.

NOME: .....  
MORADA: .....  
Indicar nomes e moradas de pessoas interessadas nestas circulares: .....  
.....  
.....  
SUGESTÕES: .....  
.....

## Reunião com hoteleiros em Albufeira

Realizou-se numa Unidade Hoteleira do Algarve, na zona de Albufeira uma reunião dos hoteleiros do Algarve, em que estiveram presentes a maioria dos empreendimentos turísticos da zona. Foram focados diversos assuntos relativos às infraestruturas turísticas do Algarve, entre as quais destacamos a comercialização, promoção e animação na época baixa de 78 e 79 e época alta de 79.

A reunião foi presidida pelo Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, tendo estado presente o Sr. José Carrasco, Director dos Serviços de Promoção e Relações Públicas da Direcção Geral de Turismo.

## AGRADECIMENTO

ANTÓNIO ALBERTO PIRES, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que, pessoalmente ou por qualquer outro meio, lhe manifestaram interesse pelo seu estado de saúde no decorrer da grave doença que o prostrou.

Reconhecimento esse igualmente extensivo aos Senhores: Dr. Ulisses; Enfermeira D. Monteiro e Ajudante de Enfermeiro Manuel Rilhó, que muito carinhosamente o trataram durante o tempo que esteve internado no Hospital Concelhio de Loulé.

A todos deseja manifestar a sua profunda gratidão pelas inesquecíveis provas de atenção que lhe dispensaram no decorrer da sua doença.

Ameixial, 8-11-78.

António Alberto Pires

## Notícias pessoais

### FALECIMENTO

Vítima de desastre ocorrido no dia 21 de Outubro, em Vila do Bispo, faleceu o sr. Valério Revez Fernandes, natural de Cortiçadas (Salir), que contava 30 anos de idade.

O saudoso extinto era filho do sr. Francisco Fernandes e da sr.ª D. Maria Luísa Revez e irmão das sr.s. D. Maria Helena Revez Fernandes, casada com o sr. Apolinário Sousa Faisca, D. Mirandolina Luísa Fernandes, casada com o sr. José Vitorino Seródio, sr.s. Vítor Revez Fernandes, sr. Ernesto Revez Fernandes e Vitalino Revez Fernandes.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.

### PARTIDAS E CHEGADAS

Em gozo de férias, esteve em Loulé o nosso prezado assinante, amigo e conterrâneo, sr. António Barros Farrajota Cristina, que se fez acompanhar da sua esposa a sr.ª D. Maria José Pinto Cristina, residentes na Suíça.

— A mator saudades da terra natal, após 15 anos de ausência,

passou uma temporada em Loulé o nosso prezado assinante em S. Paulo (Brasil), sr. Feliciano António Oliveira.

## Dr. Pearce de Azevedo Presidente da Junta Autónoma dos Portos do Barlavento

(continuação da pág. 1)

amigo Dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo.

A sua recondução vem como corolário das eleições ocorridas no seio da Junta, reintegrando num organismo que dirigiu durante onze anos, com inextinguível proficiência e dedicação.

Por despacho da mesma data foi também nomeado para vice-presidente da Junta, o sr. João Inácio Rosa Silva.

A ambos os empossados apresentamos as nossas felicitações acompanhadas de votos de profícua acção administrativa.

## A Rodoviária Nacional não serve Vale Judeu. Porquê?

(continuação da pág. 1)

tio que poderia fornecer muitos mais passageiros à R. N. se esta se preocupasse em servir melhor.

Evidentemente que não vamos sugerir à R. N. que desvie os carros de longo curso (Faro-Portimão) para passarem por Vale Judeu, mas apenas não conseguimos compreender porque razão este problema já foi estudado pelos gestores do C.E.P.-09 e ainda não foi resolvido através do aproveitamento da carreira interurbana (porque faz parte do nosso concelho) que liga Boliqueima a Loulé.

E nem sequer se pede muito: apenas que passem por Vale Judeu as carreiras que partem de Boliqueima às 8.15 e 13.20 e de Loulé às 12 e 17 horas, as quais servem excelentemente os alunos daquela região que frequentam as escolas de Loulé.

Trata-se de uma necessidade que é cada dia mais premente, pois a população escolar desta região deixou praticamente, de utilizar o comboio para Faro desde que Loulé passou a ter ensino secundário até mais elevado grau.

São, portanto, as crianças quem mais sente a falta de carreiras que lhes permita poupar caminhadas (à chuva ou ao sol) entre 2 a 4 quilómetros com a respectiva perda de um tempo que é precioso para quem tem de estudar.

Sentidos com o abandono a que se sentem votados pela R.N., alguns pais de estudantes de Vale Judeu sugeriram-nos que façamos eco das suas legítimas aspirações, pois não compreendem porque motivo Vale Judeu continua votada ao mais completo

abandono, pois não é servida por uma carreira de camionetas apesar de lhes terem dito que a R. N. estava ao serviço do Povo.

... Porque é exactamente o Povo quem mais precisa das carreiras da camionetas.

Quem tem automóvel e pode utilizá-lo a todo o momento que lhes convém, não pode dar o valor a quanto custa percorrer diariamente 2 a 4 quilómetros para tomar uma camioneta, numa época em que o tempo é factor de capital importância.

Já não é esta a primeira vez que fazemos eco nestas colunas da grave lacuna que é não se conceder ainda ao populoso sítio de Vale Judeu a regalia de poder dispor de uma carreira de camionetas.

Parece-nos que este assunto é de tão relevante importância que devia merecer as atenções da Câmara de Loulé, a qual poderia, por ventura, sugerir ao C.E.P.-09, de Faro a solução deste problema.

Dequ' apelamos para a boa vontade e comprovado espírito de colaboração do sr. Eng.º Jaime Quaresma no sentido de dar satisfação aos justos anseios da população de Vale Judeu.

oOo

E por falar em Câmara também nos parece muito oportuno lembrar que o sítio de Vale Judeu continua sem energia eléctrica, apesar de há tantos anos lhe ter sido prometido esse benefício e, entretanto ter sido preterido em relação a muitos outros sítios do concelho muito menos populosos e sem uma agricultura menos próspera.



# Que se passa com o futebol do Quarteirense?

Depois de nas últimas duas épocas ter tido um comportamento que podemos classificar de meritório, a equipa de futebol do Quarteirense passa, presentemente, por uma crise que podemos classificar de grave. Motivos da crise? Diversos, com destaque para a desunião que parece existir entre determinadas pessoas, cujas opiniões divergentes prejudicam o Clube.

Vejamos os resultados dos jogos do campeonato nacional da 3ª divisão em que o Quarteirense tem participado: «em casa», derrota por 1-0 com o Silves, 2-0 com o Comércio e Indústria de Setúbal e empate 1-1 com o Esperança da Lagos, 1-0 com o Lusitano de Évora; «fora»: derrota por 4-0 com o Sesimbra, 2-0 com o Paio Pires e empate 0-0 com o Santiago de Cacém. Em resumo: ao fim de 7 jogos disputados, o Quarteirense amalhhou apenas 2 pontos e está na penúltima lugar da classificação geral.

O contraste entre o comportamento da equipa quarteirense no campeonato que decorre e presença nos anos anteriores é flagrante. Algumas pessoas são de opinião que os maus resultados do presente se devem, sobretudo, ao facto de se ter abandonado o critério de jogar com a «prata da casa», que seria um dos grandes trunfos do Quarteirense, no passado. A verdade, é que foi dispensado Reizinho, que agora alinha pelo Farense, e contratado um treinador-jogador (Nelson Faria) que alguns dizem que nada de novo e de bom trouxe à equipa; e tudo isto, terá contribuído para o afastamento do antigo treinador-jogador Quim e de seu irmão Paulo, ambos jogadores que hoje fazem muita falta ao conjunto.

Como se sabe, antes do início da presente época futebolística, o Quarteirense atravessou uma grave crise directiva, pois ninguém queria aceitar a responsabilidade de dirigir o Clube. Só ao fim de várias reuniões, assembleias e contactos, foi possível obter a adesão de algumas pessoas para dirigirem o Quarteirense. Entretanto, arrastava-se o problema do

campo de futebol, que ainda não foi solucionado, necessitando a equipa de se deslocar a Faro ou a Loulé para jogar os desafios «da casa». Todos estes problemas, e outros que seria fastidioso tratar aqui, terão contribuído, estamos certos, para gerar a situação presente que, como se disse, é grave.

É claro que o Quarteirense não é só futebol. Outras actividades continuam sendo desenvolvidas pela colectividade, mas não há dúvida, que os quarteirenses, designadamente os pescadores, apreciam acima de tudo o futebol e andam insatisfeitos e apreensivos com a posição que a equipa detem na tabela classificativa. Apesar de tudo continuam a apoiar monetariamente o Clube e, neste aspecto, não existem quaisquer aflições, disfrutando o Quarteirense de uma situação desafiadora.

A questão que se põe é esta: será que os quarteirenses, os verdadeiros amigos do Quartei-

rense — direcção, jogadores, ex-jogadores, etc. — poderão ainda reunir-se e salvar o Clube do perigo que o ameaça no aspecto futebolístico? Ou será que, por divergências e opiniões desencontradas quanto ao rumo a seguir, vão deixar o Quarteirense descer ao Regional? O momento é de unidade, quarteirenses, e se não for o esforço e a compreensão de todos aqueles que realmente gostam do Quarteirense nada será possível realizar. Ainda é tempo de fazer qualquer coisa para evitar o pior. Ojalá que a situação possa ser entendida por todos, para que volte a haver unidade e para que a equipa retorne à senda das vitórias que, no ano passado, quase a colocavam na 2.ª divisão nacional.

Aguardemos e tenhamos esperança na boa vontade dos homens de Quarteira para ajudarem o seu clube que é, sem dúvida, um dos mais prestigiados do Algarve.

Q. M.

## Membros da União Europeia de Radiodifusão (Eurovisão) reunidos no Algarve

A escolha do Algarve para a 1.ª reunião realizada em Portugal do grupo de Trabalho da Eurovisão de Programas para a juventude veio mais uma vez pôr em evidência as excepcionais condições que a nossa província reúne para reuniões e congressos de nível internacional.

Esta reunião teve lugar no Hotel Alvor Praia entre os dias 3 e 8 do corrente e realiza-se anualmente em cada um dos países membros da Eurovisão e a convite da entidade promotora. No caso presente foi a Rádio Televisão Portuguesa que preferiu o Algarve por desejar corresponder a uma sugestão formulada do estrangeiro de quanto seria agradável que fosse «próximo do mar».

E onde encontrar, em Portugal, mar mais calmo, clima mais ameno e mais aliantes paisagens costeiras?

A R.T.P. não tinha, pois, outra opção até porque encontrou aqui o local ideal, as acomodações necessárias e convenientes e as facilidades que muito favoravelmente lhe foram concedidas pela Comissão Regional de Turismo, que mais uma vez demonstrou estar à altura de defender os interesses do Algarve e prestigiá-lo perante os estrangeiros que nos visitam.

Tudo isto e algo mais foi revelado aos representantes da comunicação social pela sr.ª D. Maria Manuela Furtado, das Relações Públicas da R.T.P., em esclarecedor colóquio realizado no amplo e acolhedor restaurante da Quinta da Pomona (arredores de Silves) durante a Noite Típica que a C.R.T.A. dedicou aos delegados de todos os organismos da televisão e membros da União Europeia de Radiodifusão (Eurovisão).

Respondendo a perguntas dos jornalistas acerca do género de trabalho dos nossos visitantes, disse a D. Manuela Furtado que se trata de um grupo que trabalha à base de visionamento e de permuta de filmes entre os respectivos membros, acrescentando que é extremamente difícil e delicado executar filmes para a juventude e que, talvez por isso, não haver ainda nenhum país que tenha tomado a dianteira em relação aos restantes. Os temas principais são geralmente cultura, entretenimento e desporto.

Os problemas da juventude são extremamente complexos e é difícil fazer filmes do seu agrado e

que não prejudiquem o seu comportamento psíquico, moral e o seu futuro como homens duma geração que se quer mais sã.

As reuniões de trabalho entre as diversas equipas europeias de televisão através destes contactos anuais são particularmente úteis porque há uma íntima colaboração entre os homens responsáveis pelos problemas da juventude e esta pode colher bons frutos se tiver bons exemplos através dessa maravilhosa descoberta que é a televisão e que está ao alcance de quase todos nós.

Falando para os jornalistas presentes, o Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve considerou de relevante importância que aquela reunião se tivesse realizado no Algarve, pois pode dar excelentes frutos a propaganda que os nossos visitantes possam fazer nos seus países acerca da nossa província, da qual levaram as mais gratas impressões, até porque encontraram aqui um sol magnífico enquanto nevava nos seus países de origem.

Por este motivo, a Comissão de Turismo do Algarve apoia sempre estas iniciativas e estimu-

Era uma vez uma raposa sábia e arteira como todas as raposas.

Em noite de insónia, estava repassando a história da sua raça, tendo como fontes as fábulas de Esopo, Fedro e Lafontaine, já que os membros da família nunca tinham tido a preocupação de deixar por escrito os seus fastos gloriosos.

E viu narrações dignificantes como a daquela raposa que encurralou o chibo no poço para ela sair, e a da outra que enganou o lobo comendo a ovelha mas deixando-lhe o rabo enterrado, para o compadre não suspeitar...

E pensou: — Por que não hei-de eu fazer como os meus maiores? Por que não hei-de enganar, pelo menos, meio mundo?

Resolveu fundar uma escola para combater a ignorância da bicheira e defendê-la de tantos desvarios.

Nem precisou de inventar o «slogan» da propaganda: «Abrir uma escola é fechar uma cadeia» — dissera há cem anos Vitor Hugo. Não é «bombástico»?

Foram muitos os pretendentes à matrícula. Apesar de desdobrar as turmas, de multiplicar as au-

las, a Dr.ª Raposa matreira não dava para as encomendas.

— Caros discípulos — disse a abrir o curso a uma turma constituída por lobos e chacais (e o mesmo repetiu depois às hienas e aos hipopótamos, às avestruzes e girafas, mas não aos coelhos, lebres e galinhas, que de medo da professora, não quiseram matricular-se) — Caros discípulos, espero que compreendais como é importante a instrução. Sabeis por que é que a minha raça sempre foi superior à dos outros animais, mesmo os mais fortes? Porque sabemos muito. Com o nosso saber desarmamos a força dos fortes e levamos-os a pôr-se ao nosso serviço. O mesmo fazem os homens, tão fracos afinal, mas que, por saberem muito mais do que nós, põem ao seu serviço o Sol, a água e o vento, os metais escondidos na terra e até a força atómica! Vejam lá.

Foi um coro de oh! e oh! de espanto e aplausos. Nunca ninguém tinha pensado nisso, mas viam que era verdade.

O programa de estudos desenvolvidos no curso não custou muito a formular. O relativismo dos cínicos, sofistas, cépticos antigos e modernos, servia-lhe à maravilha, como serve para tantas escolas humanas dos nossos dias.

Agnosticismo perante o que não era capaz de explicar ou não lhe convinha propôr aos alunos, pragmatismo e utilitarismo, amoralismo científico e utilitarista... eram também ingredientes daquele ecletismo tão comum também, infelizmente, nas escolas dos homens.

— Vede, meus caros discípulos: está aqui esta vara. Eu tiro-a, já não está. Logo a vara está e não está aqui. Ora é verdade que está, ora é verdade que não está! Não há verdades absolutas. Estão aqui dois calhaus. Junto-lhes outros dois. Temos quatro calhaus. Portanto 2 + 2 são 4. Mas agora vede: escrevo aqui o número 2, assim 2 2. Estais a ver 2 mais 2 são 22. Portanto 2 + 2 tanto são 4 como 22.

Noutro dia, apregoava:

— Disseram-vos vossos pais que é um dever obedecer aos chefes, à autoridade: que assim é que é bem. Que ignorância! Vem um chefe e manda-vos trabalhar. É tirar-vos a liberdade, é cercar-vos a personalidade, é alienar-vos e constranger-vos, fazendo-vos criar complexos que ficam a marcar-vos para a vida inteira? (continua na pág. 5)

### Campeonato Distrital Ténis Mesa Individual 2.ª catég.

Informamos que se encontram abertas inscrições para o Campeonato Distrital de Ténis de Mesa — Individual — 2.ª Categorias, até ao dia 30 de Novembro de 1978.

Para o efeito deverão os interessados revalidar os cartões de sócio e de desportista e entregar, caso ainda não o tenham feito nesta época os mod. 112 devidamente preenchidos e o atestado médico comprovativo da aptidão para a prática da modalidade.

Para quaisquer esclarecimentos complementares poderão contactar esta Delegação, sita na Travessa Castilho, n.º 35-2.º, em Faro (Telefones n.ºs 24148 e 23121).

### Respiços.. políticos

Agora, como antigamente, e sempre, a política partidária, tem o seu timbre dissonante. Uns, que sim; outros, que não. Desta dualidade, Alexandre Herculano, a páginas 65 e 69 da sua obra literária «Figuras Nacionais», diz-nos: «A política prática é um lodaçal imundo. Alevantou-se a plebe e logo cometeu um crime».

Assembleia Nacional: onde se cuida de tudo, menos dos interesses pátrios. Hoje são progressistas, amanhã reaccionários; hoje conservadores, amanhã reformadores; olhai com atenção: todos sempre nulos».

— Soma e segue...

## OMNIPRESENÇA

Faltam-me certezas, porém, sobram-me esperanças que me fazem crer no amanhã das gentes portuguesas.

Mas, se a morte chegar a qualquer hora e que esta terra deixe de ser Pátria, ninguém poderá roubar à história a presença de tão pura raça que novos mundos deu ao mundo e mais longe no mar se aventurou enquanto de vidas semeou o fundo dos novos oceanos que encontrou, pois em cada continente fica a língua que muitos milhões hão-de falar para que nunca mais se extinga, a presença dos Heróis do Mar!

LEONEL DE SOUSA

### Filagro/Vinifil-78

Com forte representação da indústria nacional da maquinaria e equipamentos para agricultura, pecuária, alimentação e vinicultura, vai realizar-se de 17 a 26 de Novembro próximo, o FILAGRO/VINIFIL-78, que conta com 573 expositores (directos e indirectos).

Numa organização da Associação Industrial Portuguesa, através do seu Departamento de Feiras e Exposições — Feira Internacional de Lisboa, o FILAGRO, 2.º Salão Internacional da Agricultura, Pecuária e Alimentação, e o VINIFIL, 1.º Salão Internacional da Vinha e do Vinho, contam com 323 expositores estrangeiros oriundos de 22 países (R. D. A., R. F. A., Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha, E. U. A., Finlândia, França, Grã-Bretanha, Holanda, Israel, Itália, Japão, Polónia, Suécia, Suíça e U. R. S. S.).

De referir que Espanha e Israel estarão representados directamente através da Câmara de Comércio Luso-Espanhola e do Israel Export Institute, respectivamente. A Região Autónoma da Madeira estará representada através da Secretaria Regional da Economia que, com uma participação colectiva de várias firmas do arquipélago, aqui fará a divulgação e promoção de diversos produtos, como vinhos, especiarias e outros.



## VIAGEM ÀS CIVILIZAÇÕES MILENÁRIAS

21 — O MAR MORTO

Tivemos oportunidade de ir à Universidade de Jerusalém, para apreciar uma grandeza, uma ordem, um respeito, uma organização impecáveis. Através da pessoa amiga, estivemos mais tempo na Faculdade de Medicina, por ser famosa em todo o mundo, pois de toda a parte chegam os doentes, vindos das mais desconhecidas nacionalidades. Aqui estudam não só os israelitas (israelitas e árabes integrados), como estudantes de qualquer país. Neste momento também há estudantes portugueses.

Depois de um almoço no Self-Service, à pressa, tomámos um autocarro que, à porta, tinha o letreiro «ar condicionado». Mas era só letreiro.

Vamos em direcção a Jericó. Deixámos Jerusalém para trás e entramos na estrada que atravessa o deserto da Judeia. É sempre a descer. São 40 quilómetros de veras interessantes: Deixámos uma região planáltica a 850 metros acima do nível do mar, e caminhamos para um sítio a 400 metros abaixo do mar.

A estrada é esplêndida. Foi reconstruída pelo rei Hussein, da Jordânia, em 1965, dois anos antes da guerra dos 6 dias, em 1967. Se ele adivinhasse... Agora este território não pertence à Transjordânia mas a Israel.

A paisagem é desoladora. Não existe vegetação por não haver água. O clima é desértico: um sol que sufoca as pessoas. Não há aragem, parece uma estufa, mas sem humidade.

Pelo caminho, um ou outro carro militar.

Chegamos ao Mar Morto, assim chamado por não ter qualquer peixe nas suas águas. É tão salgado que nada lá consegue viver. Tirámos as sandálias e mergulhámos os pés: água quente! Olhando bem, estas águas parece que têm à superfície substâncias oleosas. Acontece uma coisa extraordinária: neste ponto, que é o mais baixo do mundo, o calor é qualquer coisa de inimaginável mas, na água, não se consegue refrescar.

Devido à enorme quantidade de sais que estas águas possuem, os judeus tiram diversos produtos

químicos, entre eles a potassa, sendo uma das riquezas da exportação.

Mesmo junto ao Mar Morto (estamos na parte norte, próximo do local onde o Rio Jordão vai desaguar) existem as ruínas de Qumarn, descobertas em 1947. Foi aqui que se encontraram os célebres pergaminhos do Mar Morto, de valor incalculável, e que ainda esta manhã tivemos oportunidade de os ver no Museu do Livro, em Jerusalém. As ruínas, que as percorremos todas completamente sozinhos, nesta parte esquecida do mundo, sob um sol que abrasava, pertenciam à comunidade Essénia, de há 2.000 anos atrás; escavações têm descoberto importantes dados sobre um fascinante e pouco conhecido grupo de fanáticos.

Como único vestígio da civilização actual, encontra-se um pequeno bar, entre as ruínas e as águas, vendendo água a copo ou, para quem tiver mais dinheiro, limona-

das com gelo. Este gelo é trazido diariamente de Jerusalém. Estávamos a falar com o homem daquela espécie de tasca, com o nosso inglês de trazer por casa, quando ouvimos falar português: era um judeu, já bastante velhote, que tinha residido muitos anos no Brasil. A conversação que tentámos manter com ele foi quase em vão, pois o português que ele tinha aprendido já estava quase todo esquecido.

Com o corpo todo emporcalhado de forte camada de sal misturado com o suor que escorria em bica, entramos numa gasta camioneta e tomámos a direcção de Jericó, precisamente na mesma estrada que Jesus percorreu, gastando dois dias, e fazendo Ele referência na Parábola do Bom Samaritano.

M. VAZÃO

Próximo capítulo:  
22 — JERICÓ

## REGRAS DE VIGILÂNCIA PARA OS COMERCIANTES

O Comando-Geral da PSP distribuiu, no passado dia 8, algumas regras de vigilância para os comerciantes, visando a detenção de assaltantes e prevenção do crime. As referidas regras que a PSP sugere são do seguinte teor:

1. Observe as pessoas que vistam roupas largas e volumosas, impermeáveis com bom tempo ou abafos pesados em tempo quente.
2. Esteja atento em relação a pessoas que transportem sacos, pacotes ou malas onde facilmente possam ser ocultadas mercadorias.
3. Observe o cliente que deambula por um determinado sector e manuseia mercadorias.
4. Siga à vista as pessoas que caminham em curtas passadas. Podem ter mercadorias escondidas no vestuário.
5. Acompanhe os clientes que circulam aos pares ou em grupo. Uns poderão despertar a atenção de quem vende, enquanto outros

roubam. Se possível, solicite a vigilância de outros elementos.

6. Mantenha em observação os clientes que, sem autorização, se introduzem atrás de um balcão ou área de armazenamento.

7. Acautele-se com os clientes que, insistentemente lhe solicitam novas cores, tamanhos, estilos, etc., obrigando-o a afastar-se com frequência.

8. Tome atenção aos grupos de jovens que, pura e simplesmente, se apoderam da mercadoria e fogem.

9. Desconfie do cliente que recusa a sua atenção e a dos seus empregados. A maioria dos clientes pretende atenção, o que não acontece com os ladrões.

10. Controle convenientemente o número de peças de roupa levadas pelos clientes para o compartimento de provas.

Quando o cliente sair, verifique de novo o n.º das mesmas.

Por outro lado, aconselha os comerciantes a proteger os seus estabelecimentos contra arrombamentos, com as seguintes indicações:

1. Instalar portas de construção sólida e com fechaduras apropriadas.
2. Nas portas de vidro, este deve resistir a acções de arrombamento.
3. Colocar dobradiças nas portas exteriores equipando-as com pinos ou parafusos não removíveis.
4. Gradear ou revestir com vidro à prova de arrombamento, as janelas até 2,40 (metros) do chão e equipadas com fechaduras adequadas.
5. Gradear as clarabóias ou revesti-las com vidro resistente à prova de arrombamento. Outras aberturas no telhado devem ser devidamente fechadas interiormente.
6. Instalar sistema adequado de alarme.
7. Proteger com rede forte ou ligar ao alarme, os ventiladores ou outras aberturas que excedam cerca de 19x22 cm.
8. Instalar iluminação que proteja de zonas escuras as portas e janelas. Evitará que nelas se ocultem pessoas estranhas.
9. Deixar acesas, durante a noite, algumas luzes interiores.
10. Manter bem iluminada a área do cofre, o qual deverá ainda estar preso ao chão e em zona visível do exterior.

SE SUSPEITAR OU VERIFICAR QUE O SEU ESTABELECIMENTO FOI ASSALTADO, NÃO TOQUE EM NADA. USE O «115».

CONTACTE A SUA POLÍCIA.

## ERA UMA VEZ...

(continuação da pág. 4)

Todo o bicho é livre e bom, é a sociedade que, com seus exemplos, com suas leis, com a sua escravidão, o estragam!

Por esta amostra, é fácil de ver o tom «actualizado» que a Dr.ª D. Raposa imprimia ao seu curso.

Resultado: daí a pouco já ela não dava conta daqueles discípulos aproveitados. Faziam-lhe a cabeça em água; até pareciam alunos dos nossos liceus... Em casa, os pais estavam pesados de ter consentido que os filhos estudassem, já não faziam nada deles. Mas que fazer? A história é «irreversível».

Eles, os pais, é que eram uns atrasados, uns «botas-de-elástico», «integristas» obscurantistas, etc.... como os filhos passaram a chamar-lhes.

Depois, vieram as drogas, os roubos e «desvios», os sequestros e assassinios. Só não houve assaltos a bancos, porque a bicharada ainda não tinha descoberto esse meio de progresso económico.

Até mesmo os discípulos mais ardorosos da Raposa acabaram por faltar-se daquela vida e juraram vingar-se dela.

Mas a manhosas, ao ver o rumo que as coisas iam levando, tinha feito as malas e fugira para o estrangeiro, a tentar fortuna noutra parte...

Dizia-me, há já anos, uma aluna do liceu:

— Os rapazes dedicam-se à Filosofia a sério e acabam em ateu; nós, as raparigas, «empinamos» umas férias para despejar nos pontos e aquilo não nos faz moça.

É como a nossa fábula, uma mentira verdadeira. Mentira, enquanto que não é o sexo nem a seriedade que determina os estragos de certo ensino da Filosofia (e de muita outra coisa...); verdade, enquanto regista um fenómeno geral e terrível entre a nossa juventude.

A culpa havemos de reparti-la entre o próprio programa e o espírito que o domina, fazendo do ensino da Filosofia um acervo de opiniões desconexas e contraditórias, sem uma crítica sistematizada e construtiva, e os professores sem competência, sem

ideias claras e verdadeiras, que invadiram (as excepções são poucas) os nossos liceus e universidades. Quantas raposas matrias não fazem mais do que desorientar os alunos.

E não é só em Filosofia.

Recordo, por exemplo, aquele professor de História que, solenemente, asseverava aos discípulos que o «Cristianismo destruiu o monoteísmo primitivo «e não perdia o ensino de falar dos «erros» da Bíblia e de vomitar ataques à Igreja. Recordo aqueles professores de Biologia, que incutem nos alunos um evolucionismo ateu, materialista, em que o homem descende da «alforreca». Recordo aquele professor de Francês que, falando do Natal, afirmava que «tout cela ne sont que des légendes».

E o resultado está à vista. Não é apenas resultado da euforia duma revolução triunfante a desordem que reina entre a nossa juventude e tantos quebra-cabeças cria a professores e autoridades.

Nem são também os simples e menos cultos que causam o mal-estar em que vivemos. São os pseudo-cultos, os pseudo-sábios, e tantos com diplomas universitários.

Vê-se bem que, muitas vezes, infelizmente, «abrir uma escola não é fechar uma cadeia». Quantas vezes é dar armas mais terríveis ao criminoso.

Sem ideias rectas, sem formação segura, a Escola falha na sua missão.

Recomendamos, então, a ignorância? Longe disso, mas...

J. C.

### PREVENÇÃO RODOVIÁRIA

#### PORTUGUESA

A Prevenção Rodoviária Portuguesa recorda que em acidentes com motocicletas e ciclomoteres só o uso do capacete, devidamente afivelado, poderá evitar graves traumatismos craneanos. Por isso, é preferível, em tempo quente, suportar o incómodo que o capacete possa causar do que ficar exposto a um perigo muito grave.

## I Salão do Automóvel e da Moto Miniaturas

Com a colaboração da Mobil o jornal «Motor» leva a efeito, de 19 de Janeiro a 5 de Fevereiro do próximo ano, uma exposição de miniaturas de automóveis e motos, que terá lugar no Edifício Mobil, Rua Castilho, 165, em Lisboa.

Encontrando-se desde já abertas as inscrições a todos os colecionadores, as mesmas deverão dar entrada até ao próximo dia 15 de Dezembro de 1978 no jornal «Motor», Rua Castilho, 201-5.º, em Lisboa, durante as horas de expediente.

O custo da inscrição será de

Esc. 100\$00 por expositor, beneficiando os assinantes do «Motor» de uma redução de 50%. Os expositores com idade inferior a 13 anos poderão inscrever-se gratuitamente, esperando-se, com esta medida, estimular a participação dos modelistas mais jovens.

Paralelamente à exposição decorrerá um concurso destinado a premiar, com um troféu, a melhor miniatura de cada classe, tendo-se estipulado que todos os outros modelos ficarão classificados «ex-aequo» em segundo lugar.

## VENDEM-SE

Prédios onde se encontram instaladas a Secretaria Notarial e a Sociedade dos Artistas, ambos em Loulé (Praça da República).

Trata Dr. Fausto Redondo Pinheiro — R. Marquês de Fronteira, n.º 84-3.º Dt.º — Telef. 686252 — LISBOA.

(1-1)

# OLHE O PERIGO DE FRENTE!



**Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo**

**circular e viver.**



# ANTIGO DISCURSO FEITO EM ROTARY HÁ LONGOS ANOS ATRÁS

(Conclusão)

Assim, estou a recorda-me de ter estado, há poucos dias, num almoço do Rotary Club de Lisboa, onde os azares da sorte me puseram ao pé de um brasileiro, pessoa excepcionalmente fina e de espírito agudíssimo, que me fez a caridade de tirar a dúzia de teias de aranha, que a literatura e a propaganda estereotipadas me tinham dado, a tal respeito. Contou-me ele por exemplo, que lá na santa terrinha, corre, agora, uma história portuguesa:

Um português de São Paulo, a cidade gigante e cheia de iniciativa lusitana, decidiu tentar a sorte no Nordeste brasileiro, lá os capangas amolgados pela seca e pelo atavismo, ainda parecem orgulhados no sono letárgico ancestral, de que somente acordam nos intervalos dos tiros, que por lá fazia Virgolino Correia, por alcinha o Lampião. Morto este, tudo voltou ao sono e ao mormaço de sempre. O nosso activo português, tendo alcançado o mato, encontra magníficos terrenos, que lhe parecem excelentes, mas singularmente, vê tudo morto, selvagem, inculto: Resolve dirigir-se a um camponês que, como todos os outros, dorme o sono dos justos, à porta de casa e, depois de o acordar pergunta:

Diga-me lá você, amigo — e, com um largo gesto abarcava todo o terreno inculto — Isto não dá café?

O capanga abriu um olho, abriu o outro e suspirou: — Não, senhor, café, não dá.

— E a'godão? Não dá a'godão?

— Também não dá a'godão não senhor.

— Mas, e cana de açúcar? Cana de açúcar há-de dar...

— Infelizmente nem isso, volve o capanga, calmamente.

Aqui, o nosso dinâmico compatriota voltou à carga: — Homem, é impossível que isto não dê café, se o plantassem!

— Oh! Minol! Porque não disse você logo isso? Pois claro que dá! E do bom! Mas tinha era de o plantar, que esta maldita terra, sozinha, não dá nada, nem um coisinho assim!

E mostrava a ponta do dedo grosso, enquanto, regaladamente, puxava o chapéu para os olhos, a refazer a sonada que esta prospeção intempestiva tinha, injustamente, terminado!

Eu não garanto que este brasileiro não seja um tremendíssimo humorista, ou que «krumpsteack» do Hotel Tivoli não lhe azedasse o fígado, mas, nosso Senhor me perdoe, se não há uma certa verdade nesta história!

Mas, sinceramente, com quem eu gosto de fazer turismo, cá à minha maneira cómica, é com os nossos amigos ingleses.

Não há povo no Mundo mais típico do que o da velha Ab'ion, e com esta adorável qualidade: — Quando saem de casa, trazem a Inglaterra com eles. De modo que, ao observador atento, bastará entrar no ponto escolhido previamente, na certeza de que, com britânica seriedade e com pontualidade britânica, iremos dar

onde melhor nos convier à curiosidade.

Por exemplo: — Em Inglaterra, o que verdadeiramente conta, na vida social, é o acento. Pode um fulano não dizer uma palavra de inglês, mas se tiver um bom acento, está garantido, não interessando absolutamente nada, que os outros o não entendam. Em Inglaterra um bom acento que dê um murmúrio encantador e confuso, e que possa acabar, mais ou menos de dois em dois minutos, com a pergunta sacramental «Isn't it?», quem tiver esta alavanca, dizia, tem o Mundo a seus pés.

Com este acento e um pouquinho de humor fabrica-se um inglês, desde que se lhe junte bastante vinho do Ponto. Aqui há tempos, dizia-me um deles: Calou're você que ali, no «Punch», esta formidável definição: «Todo o inglês é um inglês médio, o que já é uma característica britânica... Para lá de tudo, a maioria dos ingleses está convencida de que: — O bom Deus é, indubitavelmente britânico, provavelmente educado em Eton: todas as mulheres verdadeiramente elegantes não se interessam pelo amor; a Inglaterra é o maior país do mundo; todos os estrangeiros sempre estão, de uma maneira ou de outra, um bocadinho loucos; e, por último, quem estiver em desacordo com tudo isto deveria ser fuzilado».

Aqui há tempos fui, com um amigo/haço inglês, ver uma revista, em Lisboa, daquelas que realmente têm sua piada. O meu amigo, que pouco falava de português, mal se sentou na cadeira, levou a rir, desde a primeira frase até à última. No intervalo, não resisti e exclamei: — Não há dúvida que vocês têm uma educação extraordinária. Eu também tenho achado uma certa graça a isto, mas não da maneira conti-

nua com que o meu amigo tem reagido.

O inglês ouviu, pensou, pensou e já quase ao levantar do pano para o segundo acto, respondeu-me: — «oh, Fellow! Não será porque eu não entendo a língua?»

E, por último, a velha taracha, que ouvi, também de um companheiro inglês, por sinal num jantar do Rotary de Portimão:

Num dos balcos residenciais londrinos, um velho trata, calmamente, de fazer entrar um cavalo para dentro de sua casa. Não podendo fazê-lo sozinho pede ao primeiro transeunte amável, que o ajude. Uma vez entrados, deixam o cavalo no patamar e vão em busca de mais alguém, que os ajude a fazer o cavalo subir a escada. Conseguindo isto, têm um imbação para deitar o cavalo na banheira. Todas estas manobras se passam sem grandes convulsões, que os ingleses são gente educada e a curiosidade é peccado que não perdiam.

Acabada a tarefa, o dono da casa oferece, amavelmente, um Whisky, aos seus prestimosos ajudantes, e, por fim, a despedida; resolve-se a explicar: «Sabem, sou casado há perto de trinta anos e a minha mulher tem o maldito costume de responder «já sabia», a todas as novidades que eu consigo desmentar, ao longo de toda uma vida, e, eu sei, refino com a coisa. Pois, esta tarde, quando ela voltar para casa, há de subir as escadas para tomar banho, assim que chegue».

E, quando ela vier, aos gritos, por aí abaixo, clamando: «— John! Está um cavalo na banheira!», então, oh, meus amigos, eu, sentado ali, naquela poltrona, cachimbando calmamente, hei-de dizer: — «Querida! Já sabia!»

E esta, meus amigos, também é uma maneira de fazer turismo, embora eu saiba, de antemão, que alguém dirá não serem os rotários gente séria e que estão, irremediavelmente, despidos de profundidade.

Conscientemente, deixo a profundidade aos críticos e aos santos. Contento-me com estas desataviadas considerações.

A propósito de Santos: — Dizia São Francisco que um santo triste, é, de qualquer modo, um triste santo...

Rocheta Cassiano

A Voz de Loulé, n.º 701, 16-11-78

TRIBUNAL JUDICIAL  
DA COMARCA  
DE LOULÉ

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

No dia 4 do próximo mês de Dezembro, pelas 10 horas e 30 minutos, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, nos autos de acção especial de divisão de coisa comum n.º 69/77 que correm termos pela 1.ª secção deste Juízo, em que é Autora Marilyn Steet, Belleville, New Jersey, U.S.A. e Réus George Peter Slane e mulher Claire Slane, residentes em 6, Frankfurt em Mein 1-Bethovenstrasse, 66, Alemanha Ocidental, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, um prédio urbano sito em Vale do Lobo, freguesia de Almansil, concelho de Loulé, lote 401, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 35 241 e inscrito na respectiva matriz predial urbana sob o art.º n.º 1920, o qual vai à praça no valor de 280 500\$00.

Loulé, 23 de Outubro de 1978.

O Juiz de Direito,  
a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,  
a) João do Carmo Semedo

## ACTO DE HONRADEZ

Não podendo calar a minha gratidão perante um gesto de honradez que muito enobrece quem o praticou, venho por este meio testemunhar o meu reconhecimento ao sr. Manuel de Alcaria, conceituado proprietário, residente no Largo S. Francisco em Loulé, que tendo encontrado avultada quantia que perdi, me entregou momentos depois, praticando assim um acto digno de louvor e dando prova dum civismo já pouco vulgar nos nossos tempos.

Boliqueime, 11-78

José Bernardo Felício

## PROPRIEDADE COMPRA-SE

Propriedade rústica de preferência inculta, com mais de 20 hectares, compra-se, de baixo preço, entre Loulé e Vila Real de S. António.

Nesta redacção se informa.

# Rali do Algarve-78

(continuação da pág. 3)

Alferce-1 vem mais uma vez demonstrar que nestas coisas as certezas se reservam exclusivamente para a cair do rectângulo axadrezado. Ficava agora aberto o caminho a Col'soul para a conquista do 1.º lugar, única posição que lhe interessava para poder discutir o triunfo no campeonato do seu país. Embora ganhando em todos os troços desta 3.ª etapa, até à desistência que trazia da 2.ª etapa sobre «Mêqêpê», o 2.º classificado, pois este tinha curiosamente obtido tempos iguais aos de Col'soul desde as Açoteias.

A primeira passagem por Alferce marca um ponto decisivo no desenrolar deste rali: primeiro porque desiste o grande favorito à vitória final; segundo, porque Col'soul consolida a sua posição de líder; terceiro, porque «Mêqêpê», 2.º à entrada com a desistência de Mikko, desista-se neste troço e o mau tempo que faz atira-o para o 5.º lugar; quarto, porque é a partir daqui que Carlos Torres, vencedor da prova, começa a demonstrar, se é que necessitávamos de mais provas, a razão de ser desta sua magnífica época. Entretanto Fontainhas fazia dos melhores tempos o que lhe permitia situar-se na 3.ª posição após Alferce-1.

Entretanto «Mêqêpê» ganha mais três troços (a primeira passagem por Bordeira, Carrapateira e Castelejo) e chega a Alferce-2 em 4.º, por troça com Fontainhas. Segunda passagem por este troço e novo «go'pe de teatro». Desta feita é Col'soul quem se vê obrigado a desistir, com problemas de transmissão do seu Opel. O 1.º lugar em que o belga seguia firme vai direito para C. Torres que entretanto aumentara a vantagem sobre o 2.º, de novo «Mêqêpê» (que ultrapassara Carlos Peres), para mais de 2 minutos. «Mêqêpê» tenta o forcing final e nas quatro classificativas seguintes, para além de averbar o melhor tempo em todas elas, recupera quase 30 segundos para Torres. Porém, um furo em Castelejo-2 fá-lo perder cerca de 3 minutos e meio para o homem da frente e deita por terra o esforço e as últimas hipóteses de chegar ao primeiro lugar.

Daqui para a frente foi a caminhada mais ou menos morna até às Açoteias. As posições entre os primeiros estavam praticamente definidas e lá para trás o que mais interessava era chegar ao fim. Entretanto e para que a despedida fosse em beleza, a chuva fazia a sua aparição, felizmente tardia.

Uma palavra especial para o Raci, pois conseguiu pôr de pé uma organização quase impecá-

vel. Grande beneficiado, o turismo algarvio bem necessitado destes acontecimentos, numa época considerada morta. De parabéns, enfim, todos os que do mingo de madrugada chegaram à Aldeia das Açoteias e particularmente o nosso amigo «Parente de Salin» que sem empurrões em Casas nem depósitos perdidos conseguiu finalmente terminar classificado a «sua» volta, onde andou sempre bastante certinho. Para o ano cá o esperamos e que apareçam mais parentes.

Classificação final: 1.º, Carlos Torres/Pedro Almeida, Ford Escort RS 2000 (1.º grupo) 4 h. 47 m. 18 s.; 2.º, Carlos Peres/José Peres, Ford Escort RS 2000 a 3 m. 28 s.; 3.º, «Mêqêpê»/Miguel Vilar, Opel Kadett GT/E (1.º grupo 2) a 4 m. 48 s.; 4.º, Carlos Fontainhas/Rogério Sarceninho, Ford Escort RS 2000, a 8 m. 9 s.; 5.º, Inverno Amora/Luís Calefate, Ford Escort RS 2000, a 13 m.; 6.º, António Soares/António Bruno, Toyota 1600 Coupé, a 13 m. 55 s.; 7.º, Orlando Reis/Élio Bolas, Ford Escort RS 2000, a 18 m. 18 s.; 8.º, José Pedro Borges/Rui Bevilacqua, Opel 1904 SR, a 22 m. 45 s.; 9.º, Roger Martin/Claudine Laporte, Ford Escort RS 2000, a 30 m. 48 s.; 10.º, «Jomaros»/Sebastião Sanfins, Datsun 1600 SSS, a 34 m. 48 s. Classificaram-se mais 15 concorrentes.

L. P.

## CARIMBOS

Executam-se na  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 62536 — LOULÉ

## VENDE-SE

Uma courela com 3.000 m2 situada no sítio de Momprolé (Loulé), confrontando com Alexandre Rosa da Ponte e Jacinto Guerreiro Dias e caminho.

— Uma propriedade sita na Campina de Baixo (Loulé) confrontando com Herdeiros de António Nunes Teixeira e Francisco Mendonça e Manuel Fernandes e caminho. Com 1,4 hectares.

Tratar com José Chagas — Telef. 62185 — Farmácia Chagas — LOULÉ.

# SURDOS Casa Sonotone

Procure-nos a fim de fazer um exame e uma demonstração que é gratuita com os mais belos aparelhos do Mundo. Óculos só de encostar à cabeça sem fios nem pipetas. Uma maravilha de audição. LARINGES ELETROTRÓNICAS para os operados à laringe. Vendemos pilhas de todas as voltagens. Prestamos assistência técnica. Procurem-nos a fim de os fazermos felizes nas seguintes Localidades:

DIA 28 DE NOVEMBRO — 3.ª FEIRA

LAGOS	— Farmácia Silva	— Das 9 às 10
PORTIMÃO	— Farmácia Central	— Das 11 às 12
S. BARTOLOMEU		
MESSINES	— Farmácia Algarve	— Das 15 às 16
LOULÉ	— Farmácia Chagas	— Das 17 às 18

LISBOA — Poço do Borratem, 33 S/L — Telef. 868352  
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telefone 315602

## Aos antigos alunos e professores do Liceu de Évora

GRANDE REUNIÃO A REALIZAR  
EM 9 DE DEZEMBRO/78

Dada a impossibilidade de a todos contactar directamente, solicitamos, por esta via, aos interessados, se inscrevam, com toda a brevidade possível, pedindo para esse efeito as informações que julgarem convenientes e bem assim os Boletins de Inscrição a LICÍNIO DE MACEDO DO VALE Largo Luís de Camões, 39-1.º — ÉVORA — ou pelo telefone 22011.



## «Táxis» de Quarteira — Tão somente

(continuação da pág. 1)  
interpretações, que tece vários considerandos por conta própria ao meu sóbrio escrito, debitando nele, arbitrariamente, sentidos que não possui.

Fácil é assim, mediante qualquer uma extrapolação, distorção do respectivo contexto, criar um climax susceptível de veruma.

Afinal, por muito que preze o sr. Manuel Faria, obriga-me a reatar ao assunto e esclarecer-me naquilo que me toca e que me pareceu suficientemente explícito e intuitivo.

Não gostaria de o fazer, pois julgo que o cerne do problema que foquei nestas páginas — a questão dos «táxis» de Quarteira — é relegado para um imerecido segundo plano.

Mas vamos ao assunto.  
Acusa-me o sr. Manuel Faria de vários óbices a saber:

1. De ter escolhido para pano de fundo as classes menos privilegiadas;

2. De ignorar (mais os meus «informadores») de que a Rodoviária Nacional ainda não se dignou, pelo menos durante o verão satisfazer Quarteira e seus arredores com carreiras de ligação aos principais comboios;

3. De pretender que os «táxis» estivessem (sob a alegação por mim invocada de justiça social) permanentemente ao serviço do público;

4. Interpela-me depois, a partir daí, com o verbo saber na forma interrogativa:

— Sabe porventura... que essa permanência obrigava a 3 motoristas por cada «taxi»? Sabe... que um motorista, como qualquer outro ser humano só deveria estar ao serviço 9 horas por dia?

Eis o que se me oferece esclarecer:

1. No respeitante aos utentes ocasionais apliquei termos relacionados com a parte populacional «menos promissora de recursos» e com o «público destituído de locomoção própria», que constitui normalmente, em qualquer lugar deste País, a clientela mais volumosa e habitual dos serviços de táxis. Logicamente.

Classes menos privilegiadas, têm outra aceção (mais de conteúdo político) que não quadra com os termos empregados nem com o tema tratado.

2. Como é que o sr. Manuel Faria sabe daquilo que eu não sei, é que me parece singular! Admitindo que tenha razão, anoto a sua solicita informação (passando por analogia a ser meu «informador»), para levantar, quando oportuno o reparo que me sugere.

3. Não deixei nem ao de leve

transparecer a pretensão de que os «táxis» de Quarteira deveriam estar permanentemente ao serviço do público.

A interpretação desta feita nem sequer tem afinidade com o período gizado que estabelece a equação entre a «utilidade pública», o «interesse público» e o «interesse privado», a qual salienta a discordância por vezes verificada quando se minimiza o papel em que este último sector se situa. É isto não diz respeito somente aos «táxis».

4. Gratuitamente, sem que haja razão visível em que se apoiar, a menos nas suas próprias presunções, interpela-me sobre as implicações da permanência consecutiva de cada taxi no seu posto de trabalho e sobre o horário de serviço do motorista, que tem direitos como qualquer outro ser humano.

Personaliza-se assim este assunto conferindo-lhe um toque unilateral pouco convincente.

Ninguém pôs em causa tanto a permanência dos «táxis», como o horário do motorista, que para nós como qualquer outro trabalhador nos merece inteira consideração.

Fez-se deslocar mais uma vez a questão para fora do seu eixo de gravidade.

O que ficou dito, neste capítulo, poderá sintetizar-se na transcrição que fazemos, que não deixa margem a dúvidas.

«Assim, em face à irregularidade epocal, seria conveniente que as entidades responsáveis, capacitadas a reverem este problema (com tendências nítidas a agravar-se), deliberassem em consciência sobre o alargamento numérico das unidades que, durante o ciclo balnear, constituíam futuramente a praça de «táxis» de Quarteira».

Ponto final.

J. C. Viegas

## É já na próxima semana a publicação em folhetins de «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve» obra do Dr. Ataíde de Oliveira

(continuação da pág. 1)  
do Dr. Francisco Xavier Ataíde Oliveira.

A iniciativa deve-se ao facto de o referido livro (como aliás toda a obra deste escritor) se encontrar fora do mercado livreiro e, portanto, sendo a sua leitura de difícil acesso, em especial aos jovens, que desconhecem o seu conteúdo, predominantemente etnográfico e cultural.

Para suprir o óbice «A Voz de Loulé» não hesita, consciente das

(continuação da pág. 1)

de uma sociedade equilibrada, ela é um circuito de programações utópicas de um certo socialismo sem travão de mão. Aliás, a óptica de alguns democratas assenta precisamente na sua revisão de acordo com a opinião do Povo Português o que pressupõe a realização de eleições antecipadas e a dissolução da presente Assembleia da República. A surgir um «Manifesto Reformador», animado por ex-governantes e ex-militantes do Partido Socialista, ele deverá ser a base fundamental para a revisão da democracia constitucional e por diversas formas legais constituir a base de um programa oposto às teses dogmáticas do marxismo, proposta essa que sociais-democratas e cristãos liberais não rejeitariam, de modo a formarem uma maioria não marxista, pondo de lado todas as noções colectivistas da sociedade. Seria um acontecimento de marcada projecção, tendente a remodelar o sector económico e definir sem ambiguidades as fronteiras dos sectores público e privado. Por outro lado, preconizar uma efectiva descentralização, democratizar o sistema burocrático vigente e desenvolver os ramos agrícola e comercial a par do investimento e da melhoria das condições infraestruturais no âmbito do turismo, sem subjugar ainda mais o país ao FMI, seria a conjugação de esforços daqueles que pretendem rever os defeitos de uma sociedade deteriorada pela má administração pública e governos de estranhas coincidências anárquicas. Num país sem motivações em que a gestão inadequada é a resultante das dificuldades económicas e financeiras, convém reunir um bloco maior-

suas funções deontológicas (entre as quais a formativa e a pedagógica não são as menos relevantes), em colocar as suas páginas ao serviço de uma causa de carácter educativo, permitindo a copiosa difusão de uma obra considerada rara, colocando-a, assim, ao dispor e ao alcance do público leitor.

É portanto, com a maior satisfação que anunciamos esta publicação que requereu da nossa parte diligências preliminares de diversa ordem e um preparo moroso e paciente.

Damo-nos absolutamente compensados dos nossos esforços e empenhos, se este empreendimento atingir os seus fins: isto é, se obtiver de quem nos lê, não só acolhimento aprovativo, como essencialmente ampla aceitação.

—//—

Como, também, temos propalado, finda a inserção do folhetim vertente, conta este jornal publicar em formato de livro a mesma obra, a qual será ilustrada com uma fotografia do autor, Dr. Ataíde Oliveira e de Biografia respectiva da lavra de João d'Aragão Moura.

Para aquisição desta edição, está aberta neste jornal a inscrição a todos os interessados.

### OFERECE-SE

Casal para quinta c/ habitação.

Tratar Emídio Roberto — Rua Mouraria, 20 — CUBA — Alentejo.

Entretanto, a Comissão (que à

## Antes do Governo necessário a revisão constitucional

tário de bons gestores, reestruturar as relações de trabalho entre trabalhadores e entidades patronais, consultar sempre que necessário o povo português.

Imposta que uma nova constituição seja, mais que uma via sem objectivos reflexo de uma estratégia pseudo-revolucionária, uma constituição definida, caracterizada apoiada em estruturas organizadas. Numa situação como a nossa, em que a economia sobrevive à custa da remessa dos emigrantes, dos empréstimos e das divisas do turismo, é possível o desenvolvimento de outros sectores sócio-económicos, extraindo da terra, da indústria e do comércio, o necessário aumento de produção. Porquê terras abandonadas, o interior alheado dos turistas, as empresas destruídas? Recordo palavras de Anwar Sadat, presidente egípcio que acaba de ser galardoado com o Prémio Nobel da Paz, a propósito do seu país «... que raio de socialismo é este em que um País agrícola tem que sobreviver à custa do exterior?...». Palavras que

poderão servir de exemplo para o nosso país já que recentemente os industriais e comerciantes do sector vinícola decidiram subir na ordem dos 75 por cento (e não vai ficar por aqui... nalguns casos já chegou ao dobro), o preço do vinho. Que se aumente a gasolina, ainda é como o outro, quando o Fundo está no fundo, agora que se aumente os produtos nacionais, essa já não cabe na cabeça do Zé, pois só prova a baixa de produtividade, a especulação crescente e, sobretudo, a morte ao tradicional São Martinho em que as castanhas terão de ser roídas com água da fonte. Medidas incoerentes, resultado de subsídios a empresas, diminuição do trabalho, negociações difíceis, cálculos errados.

Em resumo: nas actuais circunstâncias, impõe-se indiscutivelmente a revisão da Constituição, acções activas de modo a superar as lutas e os protestos, disciplina, um projecto político de alterações profundas, a moderação e o realismo.

LUIS PEREIRA

## Está assegurada a criação do Museu Arqueológico e Etnográfico de Loulé

(continuação da pág. 1)  
efeito este viesse a funcionar a título precário com instalações provisórias.

Numa das últimas sessões da edilidade o presidente da Câmara, sr. Andrade de Sousa, foi portador dessa oferta colocando-a à consideração dos vereadores presentes que por unanimidade a aceitaram e aprovaram.

Na sequência da deliberação houve já uma reunião entre o presidente do Município e a dita comissão, durante a qual se ventilaram aspectos vários conducentes à formação do museu, organização do arquivo e biblioteca.

Para já o Município vai providenciar o restauro da antiga escola técnica, onde, depois de concluídas as obras essenciais, se instalarão estes três polos de cultura de que Loulé muito carece estejam à altura condizente das suas veneráveis tradições e ambições legítimas.

Entretanto, a Comissão (que à

partida é formada pelos srs. prior Cabanita, João d'Aragão Moura, prof. Duarte, Dr. José Mendes Bota, João Manuel Santos Gomes e o autor destas linhas), começando pela elaboração de um plano de acção que abrangerá o arrolamento do espólio arqueológico existente, classificação de materiais e elaboração de ficheiros, prospecção de eventuais achados e reconhecimento de traçados arquitectónicos em edifícios a preservar, e elaboração uma planta com a sua localização.

Ao que transparece tudo se conjuga para que uma antiga aspiração de Loulé venha dentro em breve consumir-se, tornando-se, assim se espera, numa realidade convincente e congratulatória.

Está de parabéns Loulé, pelo patrocínio prestimoso concedido pela sua Câmara a esta iniciativa, que tem a secundária o empenho de uns tantos homens dotados de boa vontade.

J. C. Viegas

## Escada «Magirus» para os Bombeiros Municipais de Loulé

(continuação da pág. 1)  
pos de bombeiros um complexo veículo moderno, eficaz e conforme as últimas técnicas para cumprimento das suas arriscadas tarefas.

Para além da potência de um motor Deutz de 6 cilindros, de seguro arranque em frio e a sua resistência a qualquer clima, a escada «Magirus», é constituída por uma escada extensível-giratória de quatro tramos de fácil e prático

manejo, podendo deter-se em qualquer posição durante a sua extensão e recolha. Um dispositivo de comando automático encarrega-se do rigor da manobra.

Dispõe esta escada também de uma jaula de salvamento, revestida de material protector, que é independente dos movimentos respectivos, capaz de funcionar em qualquer emergência.

Para garantir o seu funcionamento, as escadas «Magirus» são servidas por sistemas de desconexão electro-hidráulicos, mecano-hidráulicos, sistemas de regulação automática e ainda outros complementares e adicionais, conforme funções determinadas pelas circunstâncias.

Em face às suas versáteis possibilidades este precioso instrumento vem conferir, repetimos, aos Bombeiros de Loulé, uma capacidade de salvamento de vidas humanas sem precedentes nesta zona sulina do País.

### EMPREGADO DE ESCRITAS

Com experiência, precisa-se.

Resposta, com «Currículo vitae» ao n.º 31 deste jornal.

## Aos emigrantes

Vende-se uma das melhores vivendas para habitação e rendimento turístico em Quarteira (Algarve-Sol), a cerca de 350 m do mar, 4 quartos c/ ar condicionado, 5 casas de banho, amplo salão, cozinha, garagem, hall, terraços e jardim. Ricamente mobilada e decorada. Aceita-se, de preferência, terreno construção Vilamoura, proximidades casino ou subúrbios Quarteira, em troca. Tem piscina de apoio na casa ao lado.

Trata António Chagas (Advogado) — CASTRO VERDE Telef. 22187, 22121 ou 22026.

(1-1)

## CAFÉ DELFIM

TRESPASSA-SE

Com secções de Café, Snack-Bar e Cervejaria. Situação no melhor local da Vila.

Tratar pelo telef. 62903 — LOULÉ.

(3-1)



# JUVENTUDE

## — ROSTOS FINOS RISCADOS DE LÁGRIMAS

Observa LUÍS PEREIRA



«É PRECISO QUE CHEGUE  
ALGUÉM PARA NOS  
PODER OUVIR...»

A Juventude Portuguesa não pode continuar sofrendo calada uma situação de desespero, de desigualdade, de deficiências, as arbitrariedades de sistemas imorais que não alteram os caracteres trágicos do presente nem revelam a intenção de preparar um futuro diferente.

A Juventude Portuguesa não está integrada na actual forma de sociedade que os despreza e não lhes corrige os erros. Jovens afastados do Ensino, da Educação, de um ofício, da sua valorização. Jovens desempregados. Jovens consumindo droga, mergulhados no alcoolismo, roubando se necessário o pão que a sociedade lhes nega. Os actos da Juventude não podem acabar num comentário de luto daqueles que nada fazem de momento para modificar as estruturas de uma sociedade de caminhos rasgados pelo crime, pela prostituição, pela homossexualidade. Jovens da cidade ou jovens do campo, jovens do bairro da lata, é urgente vislumbrar um grito que nos una em redor de uma sociedade mais justa porque esta não é a nossa. Os ornatos e elegâncias daqueles que nos têm governado com a simplicidade descurada, que às vezes nos mostram as suas ambições pessoais mesmo que necessário seja sacrificar uma geração, estão a ter imitadores a mais. É urgente pôr termo ao obscurantismo, mostrar ao mundo como vive na realidade a Juventude Portuguesa. Não vivemos em Liberdade porque cada indivíduo não pode desenvolver livremente a sua personalidade e a sua força criadora; o jovem não pode escolher a profissão que deseja, não pode especializar-se com a alma tranquila, porque um diploma é um fim e a cunha um princípio. Nesta linha social, não encaminhando os jovens para o seu desenvolvimento cultural e recreativo, não intensificando o desporto, não organizando as associações juvenis, não remunerando o trabalho dos jovens, contribui-se decisivamente para a degradação do futuro possivelmente mais negro que a es-

curidão do presente. O jogo, o vício, o fumo que nos mata diariamente, a frustração, não são certamente «as propriedades» que o jovem deseja ver no comando de um futuro, em que a doença não terá médico que nos valha nem feiticeiro que nos explique a dramática chaga. A guerra colonial acabou mas começou outra. É necessário restituir a moral, reeducar os jovens, avultar uma certa esperança. Que a razão da Juventude se manifeste à porta dos ministros, exigindo a Liberdade que nos foi prometida e que encomendamos juntos a boa Educação e a cultura que não distingue ricos e pobres. Em oposição à violência e às delirantes profecias a Juventude necessita de escolher o Bem e não aceitar por mais tempo a imposição do Diabo.

Jovem, a Primavera da tua idade deverá florir na alma e não seres o interno melancólico queimando a tua própria vida para aqueceres as salas dos que te interrogam para te explorarem. Não é meu intento colar-te estas ideias no teu espírito, mas porque sou jovem como tu e não tenho o hábito de mentir-me a mim próprio (só por erro humano), creio que sentes a feição crítica da nossa sociedade, digamos mesmo de mentalidade rudimentar.

A Juventude não pode perder-se num pálio de línguas clássicas, andar à deriva sem conhecer a terra ou uma secretária, ser vítima de uma pedagogia inocente, de uma educação inventada, desterrada da má língua. A Juventude não opode beber o cálice da guerra, a pornografia revisiteira ou cinematográfica, o agouro teatral. De pequenino se torce o pepino. A educação pré-primária, a boa relação professor-aluno, o pai conselheiro, os mimos da mãe, são tão necessários à criança como o Homem ao mundo. A Juventude Portuguesa não precisa da finura de derrubar ditaduras, precisa antes de mais recompensa da sociedade, do amparo e do carinho. Se por um lado as condições péssimas da economia nos condicionam os sistemas morais têm-se esquecido de mobilizar a juventude para a compreensão mútua, o

gosto pela vida. No rosto dos jovens lê-se a abstracção, o desleixo, paisagem frouxa, o medo, uma queixa verdadeira da mensagem de morte que a sociedade nos está escrevendo se continuar proibida da Liberdade, compromisso histórico que contribuiu, sem dúvida, para a revolução cultural dos nossos espíritos. A Liberdade não é uma ampola didáctica, senhores professores e educadores! Nem tão pouco basta a promessa de ensino gratuito, de descentralização cultural ou melhoria de programas e livros mais adequados! A Juventude precisa de um Rumo. Testemunhos pessoais são os factos em que vive esta Juventude Portuguesa, sem acção, incapaz de gritar, exigir outro estilo de vida. Temos uma missão oh jovens:

— Construir o futuro que nos pertence!

Os que queiram dar a mão a Luís Pereira sentir-se-ão mais unidos. Em vez de nos transformarmos no trajo e nas ideias dos outros, lutemos por uma vida melhor!

Um abraço

# NOVOS ASSINANTES

É-nos grato publicar hoje mais uma relação de novos assinantes de «A Voz de Loulé».

Como se compreende, a maioria são louletanos. Alguns vieram até nós por sua própria iniciativa para colaborar na manutenção do jornal da terra natal e saber de notícias de Loulé. Outros fizeram-no por sugestão de amigos que também desejam ver manter-se acesa esta pequena vela dum baírrismo e patriotismo que desejamos não se apagar por gélidos ventos de qualquer quadrante.

Como se verificará muitos dos novos assinantes são residentes no estrangeiro e isso só prova que não querem esquecer o torrão natal, apesar do elevadíssimo custo que têm de pagar pelos portes do correio.

Além de tudo isto nós sentimos o direito de interpretar o contínuo afluxo de novos assinantes como prova da boa aceitação que «A Voz de Loulé» continua a ter entre os louletanos, quer residam em Portugal, quer no estrangeiro. Isto nos anima a prosseguir naquilo que entendemos ser o bom caminho, muito embora lamentamos não poderemos fazer mais e melhor para melhor servirmos Loulé, o Algarve e Portugal.

Os nossos agradecimentos mais sinceros, vão, portanto, para os senhores: Álvaro José Costa Ca-

sanova e José Pires, de Boliqueima; José Guerreiro Calço, Joaquim Brasão Guerreiro, Joaquim Manuel Pereira Martins, de Loulé; sr.ª D. Lina Soares e Auto Mecânica, do Barreiro; Manuel Martins da Silva, de Quarteira; Vitorino Rosa da Luz, de Cabanas de Tavira; Madame Buhot e Manuel Henriques Barros Canelas (Lisboa); José Manuel Varela Pires (Faro); José Lisboa (Almansil); José Guerreiro da Piedade, Fernando Guerreiro da Silva, Laurinda das Dores Rodrigues e João Alberto Santos (Venezuela); Ribeira Guilherme, Madame Maria Manuela Blaizot, Alberto de Sousa, Madame Murta Maria Odete e Cristina Orlando (França); José M. R. Gonçalves (Johannesburg); José Correia Mendes (Argentina); Angelo L. Costa e Edy Matos (Estados Unidos da América); Manuel Chumbinho Guerreiro (Canadá); Carlos Gonçalves Pinto (Espanha); Luís Joaquim Guerreiro (Lourdes); Mr and Mrs. Lloyd (Quarteira); Manuel António Rodrigues (Loulé); Egídio Nunes Santos (Canadá); Carlos Albino Guerreiro (Lisboa); Feliciano António Oliveira (Brasil); Eng.º António de Castro Barbosa (Beja); José Maria Mestre Afonso (Venezuela); Sacramento Amândio (France), e Casino de Vilamoura.

## Os emigrantes cada vez mais isolados

# Apelo aos nossos assinantes no estrangeiro

Como consequência das contínuas descidas do valor do escudo em relação às restantes moedas (o escudo dantes fluía, mas agora apenas desce) foram mais uma vez agravados os portes do correio para o estrangeiro.

Agora uma carta para a Europa, paga 14\$00 se não pesar mais de 20 gramas e um postal custa «ape-nas» 10\$00.

Para os outros países fora da Europa, cartas de avião passaram para 17\$00 por 5 gramas e os postais para 13\$00.

Com estes novos aumentos, é evidente que os familiares dos nossos emigrantes se retrairão de escrever tão assiduamente.

Para a imprensa regional, tam-

bém as novas taxas têm efeitos negativos, pois sobrecarrega de maneira muito pesada, os custos da assinatura paga pelos nossos emigrantes e para quem receber o jornal da terra natal representa algo que não pode ser substituído por quaisquer outros meios de comunicação social.

É verdade que a moeda desses países sobe em função da descida do escudo, mas também é verdade que muitas assinaturas são pagas em escudos por familiares que fazem gosto em oferecer «o jornal da terra» aos seus familiares ausentes.

E para se fazer uma ideia de quanto representa os novos enrragos com a taxa do correio basta dizer que, custando «A Voz de Loulé» 5\$00 por exemplo, a sua expedição por via aérea é sobrecarregada em 10\$00 e 7\$50 para a Europa por cada exemplar de apenas 6 páginas. Isto nos força também a retrainir o aumento de páginas, pois a taxa de correio é paga em função do peso.

Para os jornais cuja expedição para o estrangeiro não vá além de escassas dezenas, a nova taxa pouco afectará, mas nós temos centenas de assinantes no estrangeiro e podemos acrescentar que dispndemos cerca de 20 contos por mês só com a compra de selos.

Imagine agora o leitor o que isto pode representar de prejuízo quando alguns dos nossos assinantes se atrasam com a liquidação ou simplesmente deixam

de pagar por mudança de residência ou por simples esquecimento.

É por esta razão que hoje nos sentimos forçados a apelar para os nossos assinantes no estrangeiro para lhe pedir que não se atrasem com o pagamento das suas assinaturas. Já estamos em fins de 1978 e ainda estão por liquidar alguns recibos de 1977.

Resta acrescentar que, face ao novo aumento de taxas somos forçados a aumentar novamente os preços de assinatura para o estrangeiro, que passam a ser os seguintes:

<b>Por via terrestre:</b>	
Europa — Semestre .....	300\$00
Ano .....	550\$00
<b>Via Aérea:</b>	
Europa — Semestre .....	350\$00
Ano .....	650\$00
U.S.A., Argentina, Canadá, Venezuela, Austrália, Brasil, etc.:	
Semestre .....	420\$00
Ano .....	810\$00

xxx

Considerando que muitos assinantes do estrangeiro já liquidaram as suas assinaturas referentes ao ano de 1978, facilmente se compreende o prejuízo que estamos tendo desde o aumento das taxas (Outubro) até final de Dezembro.

Como é previsível que o escudo continue a descer, temos que preferir que as assinaturas sejam pagas semanalmente.

## Aos nossos assinantes de Lisboa

Por causa dos pesadíssimos encargos impostos pelos C.T.T. aos serviços públicos que presta — que quase impossibilita o público de os utilizar, — temos aguardado até agora que os nossos assinantes tenham a gentileza de liquidarem directamente o valor dos seus débitos referentes ao ano de 1978.

Infelizmente nem todos os portugueses têm conta aberta nos bancos, (o que seria um magnífico sintoma de felicidade colectiva) e muitas vezes é extremamente difícil (principalmente em Lisboa) alguém deslocar-se a uma

estação dos C.T.T. para emitir um vale.

Dáí resulta a circunstância de se encontrar por liquidar a assinatura de 1978 de muitos dos nossos assinantes de Lisboa.

Avisamo-los, portanto, que esses recibos vão ser postos à cobrança e esperamos que façam um esforçozinho no sentido de evitar a sua devolução — o que representa um pesado encargo para este jornal.

Para todos pedimos um pouco de boa vontade, pois o dinheiro das assinaturas é fonte de vida de «A Voz de Loulé».



# salão do móvel de habitação

ALGARVE-78

Exposição de mobiliário para habitação, fabricado em Portugal pelos mais conceituados fabricantes. Alta qualidade e design actualizado.

Visite-nos de 13 de Novembro a 10 de Dezembro, de segunda a sábado, das 9 às 22 horas e aos domingos e feriados das 18 às 22 horas, na:

Rua Aboim Ascensão, nr. 29 em FARO

# galerias persa

FARO	— R. Aboim Ascensão, 29	Tel. 26 12 9
	— R. Batista Lopes, 2	Tel. 22 37 4
OLHÃO	— Est. Nac. 125 — Belmonte	Tel. 73 21 1
BEJA	— R. Eng. Aires da Fonseca, 6	Tel. 24 12 1
PORTIMÃO	— Praça D. João II, 16	

